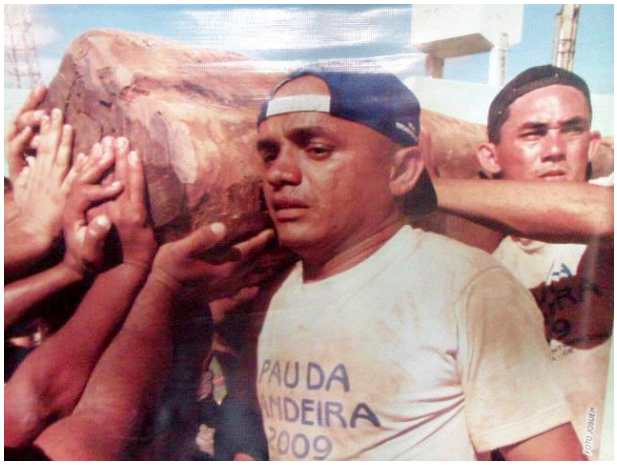
Em 2015, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio silenciou por três longos e amargos dias



Toda folia, gritos e palmas que configuram o tom comum de Barbalha durante os festejos dedicados ao santo padroeiro da cidade, cederam lugar à dor e à incerteza do inesperado. Podemos dizer que a cidade também morreu com Cícero e sua família. Aos poucos, luta para se reerguer. As marcas do trágico remetem à constante dor na simplicidade do dia a dia, na lembrança e na saudade que não deixa sequer uma escolha, senão lágrimas e algumas questões, por ora, insolúveis.

Os carregadores do pau da bandeira de Santo Antônio definem um dos principais sentidos dedicados à Festa do Santo Padroeiro em Barbalha. Seguem firmes, levando ao limite as suas dores e feridas, trazendo consigo a comunhão da cidade e os laços de fé que aproximam devotos.

Em 2015, o sacrifício do carregamento, levou-nos mais do que o suor, do que o cansaço comum, do que a dor insuportável e do que as feridas abertas de sempre. Levou-nos a vida de um carregador. O Iphan não trabalha somente com números, valores, resultados, orçamentos. O nosso trabalho parte primordialmente de pessoas, de histórias de vida, dos diversos sentidos construídos por cada um, das memórias compartilhadas, delineadas por seus corpos e almas. A morte de Cícero levanta muitos questionamentos e discussões. Mas principalmente nos impõe o luto e a difícil tarefa de recomeçar, mesmo que tateando por caminhos sofridos e tortuosos, levando a frente a premissa de que a fé e os esforços de Cícero não foram em vão.

O Iphan, representado por seus técnicos, também sofreu o amargor da perda, não tão doída e dilacerante, é claro, como o foi aos parente e amigos de Cícero. O Iphan, que em sua essência lida com as memórias dispersas dos diferentes representantes das expressões culturais brasileiras, representado pela sua Presidente, presta toda homenagem à lembrança de Cícero Ricarte e toda solidariedade a sua família e a seus amigos.